

FACONNECT - Polo A CASA TOMBADA
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

TÉIA MOREIRA DA SILVA

“DONA BARATINHA - PARA ALÉM DO DINHEIRO E DO DESEJO DE CASAR”
O que encanta em uma história?

São Paulo
2023

“Dona Baratinha - Para além do dinheiro e do desejo de casar”

O que encanta em uma história?

Etimologia (origem da palavra encantar). Do latim incantare, “cantar, realizar encantamentos, enfeitiçar”.

Resumo:

A partir da escuta da história da “Dona Baratinha”, na versão de Ana Maria Machado (1996), embalada pela pergunta canção; “Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?”, encontrei duas coincidências com a história da minha mãe, que vivia numa cidade fabril do litoral da Paraíba na década de 40. Ela me contou que guardava seu dinheiro numa caixinha, “porque não era boba não”, por isso conseguiu se casar com meu pai. A caixinha e o desejo de casar é o que, à primeira vista, têm em comum a história da carochinha e a história da minha mãe. Neste trabalho gostaria de abrir essa caixinha, contando a história do encontro dos meus pais, a história da dona baratinha e a história do Brasil nesse período, que foi chamado de “Estado novo”. Qual o encanto de contar uma história? Onde está o encantado? O que me encanta numa história? Ouvir, contar? O que guarda essa caixinha? A história do encontro dos meus pais na década de 40 me encanta, talvez porque seja a repetição de muitas histórias ou porque os humaniza. Ou os torna eternos heróis?

Palavras-chave: Encantado, Rio Tinto, história do Brasil, Dona Baratinha

Abstract:

In Ana Maria Machado's (1996) story "Dona Baratinha", retold and passed down orally, along with the song question presented "Who wants to marry Dona Baratinha with a hair ribbon and money in a box?", it was possible to find two coincidences with my mother's history, who lived in an industrial city on the coastal part of the state of Paraíba, during the 40s. She had told me that she kept her money inside a small box once she "was no fool", and that is how she had managed to marry my father. The small box and the will to marry is what, at first sight, the stories have in common. The aim of this paper is to open this small box, telling the story of my parents' encounter, Dona Baratinha's story and Brazil's history during this period called "Estado Novo". What is the charm of telling a story? Where is the charm? What charms me in a story? Listening to it, telling it? What is hidden inside the small box? The story of my parent's encounter in the 40s charms me, and perhaps that is because it is a repetition of many stories or because it humanizes them. Or does it turn them into eternal heroes?

Key words: charming; Tinto river; Brazil's history; Dona Baratinha

Introdução:

A história da Dona Baratinha está no primeiro livro infantil lançado no Brasil em 1896 por Alberto Figueiredo Pimentel com o nome “Histórias da Carochinha”. Contudo, a versão que aqui me interessa é a de Ana Maria Machado, aquela em que a personagem entoa “quem quer casar com a dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na Caixinha?” Essa versão me chegou nos primeiros anos de vida da minha filha, através de um espetáculo montado pelo professor de música do Jardim da Infância.

Após saber da história do encontro dos meus pais, primeiro pelo meu pai que dizia que naquele momento, em 1943 quando conheceu a minha mãe, poderia ter casado com qualquer uma das moças que por ali passavam, vindas da fábrica de tecido, no final do turno, em direção às suas casas, “inclusive com a sobrinha de sua mãe”, disse ele.

Fiquei curiosa e perguntei à minha mãe como ela tinha conseguido se casar com meu pai. Ela prontamente disse que não era boba e nunca gastava todo o dinheiro que recebia do seu trabalho como tecelã, guardava uma parte numa caixinha.

Esse foi o meu primeiro encantamento; então, minha mãe tinha uma caixinha e ali ela depositava todo seu dinheiro e esperança de mudar de vida, casar, ser feliz, encontrar um amor?

Narrando a história desses dois personagens, num momento histórico cheio de conflitos e mudanças, vou precisar fazer escolhas, isso é o que acontece depois do primeiro encantamento, a escolha da história.

“O que você tem para mim?” - o que está dito no conto - e “O que eu tenho para você?”- como essas descrições ressoam na experiência do contador, levando-o a qualificar cada parte com base nessa experiência pessoal. (MACHADO, 2004, p. -)

Se é verdade que a arte de contar histórias é portadora e transmissora de valores humanos universais, como afirma Regina Machado no livro *Acordais*, numa história como a da minha mãe tem a história da dona baratinha a minha e a de muitas mulheres desse século. Vou em direção a esses valores, aquilo que está nas entrelinhas, aquilo que foi dito, o que ninguém ouviu, o engano, o não dito, o encanto.

1. Método

Quando iniciei o curso de pós graduação, vim com o sentimento de encantamento de uma lembrança viva da infância, das noites em que faltava luz elétrica na minha casa, o que era muito comum na periferia de São Paulo na década de 60, e meu pai contava uma história repetidas vezes, provavelmente porque como crianças, queríamos ouvir mais uma vez, e de novo e de novo. O nome da história era também um refrão, repetido muitas vezes durante a história: "TÁ TRABALHANDO PRA VALADARES".

Essa história, que fundou a minha curiosidade nas coisas da vida; tinha um homem em busca de riqueza, o seu trabalho, a ambição, a honestidade e o mistério que rodeia o destino de todos nós.

Começava com esse homem, que guardava todo o dinheiro que recebia trabalhando duro na lavoura, no oco de um tronco de árvore à beira de um rio.

Toda vez que ele ia esconder o dinheiro, ele ouvia uma voz: "Tá trabalhando pra Valadares". Procurava por todo lado de onde vinha aquela voz, como nunca encontrava, com o tempo, se acostumou. Até que um dia, depois de uma forte chuva, o oco de árvore desce rio abaixo e o homem, desesperado, vendo as economias de toda uma vida perdidas, decide sair em uma viagem, seguindo o curso do rio, em busca de reaver o seu dinheiro.

Lembro-me que na primeira ou segunda aula do curso, tentei contar essa história para os presentes e percebi que não consegui passar nem um terço do que ela significava para mim. Eu não tinha a eloquência do meu pai?

Depois de um ano de curso, tendo me aproximado mais desse conceito da arte de contar, percebi que meu pai sabia dessa tal "arte de contar", usava muito bem os silêncios, escolhia o lugar, o momento e falava olhando nos nossos olhos, era encantador.

Então a arte de contar histórias é também a arte de encantar?

O que me prendia a história que meu pai contava era o ritmo e os lugares desconhecidos, como um "oco de pau" onde o tal homem guardava seu dinheiro e os encontros durante sua caminhada pela história; um rio, um casal sem filhos, um homem chamado Valadares.

Refazendo os passos dos meus pais, vou narrar o encontro deles na Paraíba. Ele que retornava à sua terra natal, agora filiado ao Partido Comunista e fugindo da perseguição do “estado novo”.

A cidade onde ele chega, Rio Tinto - PB, é uma cidade fabril, fundada em 1919. Em 1943 a fábrica de tecidos Rio Tinto empregava cerca de 15.000 operários(as), das quais uma era minha mãe, que ali morava com a família e era tecelã há dez anos. Vou ao encontro da história, do encanto, da arte de contar.

[...] o Narrador é antes de mais nada aquele que vem de outro lugar, que reúne na praça de um vilarejo os que jamais sairão dali, fazendo com que eles vejam outras montanhas, outras luas, outros terrores, outros rostos. Ele é o mascate das metamorfoses. Contos Filosóficos do mundo inteiro, Jean-Claude Carrière, Introdução(pág.08)

2. A História

Para me aproximar dessa história, pretendo usar o princípio descrito no livro “Acordais” da Regina Machado:

“...Imaginemos em seguida uma casa com muitas janelas: cada estudioso debruçado sobre uma das janelas, vê a paisagem de um ângulo particular e o que ele descobre tem a ver com o lugar em que se posicionou para observá-la.” (pag. 19 “Acordais” Fundamentos Teóricos poéticos da arte de contar Histórias”

Sobre qual janela eu estou debruçada para contar essa história? Sobretudo a da imaginação, somada às memórias de pessoas que visitaram minha infância e adolescência, tias que vinham passar uns dias, tios que moraram conosco por uns anos. Cada um deles trouxe alguma informação daquele tempo, ou um sentimento, muitas vezes um julgamento.

Era o ano de 1943, em pleno período do Estado Novo "... é como ficou conhecida a ditadura instaurada por Getúlio Vargas entre os anos de 1937 e 1945. Chamada também de Terceira República, teve forte influência de ideais fascistas, até mesmo na Constituição, que iniciou institucionalmente o período e foi apelidada de polaca, porque foi inspirada nas leis da Polônia e Itália.” (FONTE DA INFORMAÇÃO - mundo educação)

Esse é também o ano da Consolidação das Leis Trabalhistas e da instituição do salário mínimo.

O Lugar é Rio Tinto, município localizado na região metropolitana de João Pessoa - PB, cidade operária idealizada pelos irmãos Lundgren, que conseguiram do estado da Paraíba 25 anos de isenção de impostos, ficando o estado isento de responsabilidades como, construção de escolas, hospitais e segurança pública, sendo essa uma demanda da Fábrica. Os espaços ali edificadas tinham a ideologia dos donos, inclusive os espaços de Lazer.

3. E lá vai meu pai

Para o início dessa história, chega à cidade de Rio Tinto-PB com quase quarenta anos. Já tinha tido 2 filhos, um deles deixado na barriga da companheira que abandonou ainda grávida no Sertão da Paraíba 13 anos antes.

Isso mesmo, ele contava que casara-se com a filha de um dono de terras, levando para o casamento, o que lhe dava o sustento, em suas palavras; “duas cabritas”.

Mas, decidiu fugir daquele lugar. Contava que, já com um filho para sustentar e outro a caminho, naquele momento, não tinha mais nem as cabritas e o sogro não lhe permitia cultivar as suas terras, em suas palavras “tava vendo a hora morrermos todos de fome”.

Chega ao Rio de Janeiro com 21 anos, nos anos 30 e vai trabalhar na construção civil. Sabe ler e escrever, o que lhe garante o ofício de apontador.

É nesse lugar que meu pai vai aprender tudo sobre o partido comunista do Brasil. Passou a ser atuante e com a decretação do estado novo, sentindo-se ameaçado, decide voltar à Paraíba, escolhendo a cidade de Rio Tinto-PB.

Lá, com suas parcas economias, compra uma pequena banca de secos e molhados, se estabelecendo numa rua no caminho da Fábrica de Tecidos Rio Tinto, onde trabalhavam todos os moradores do lugar, direta ou indiretamente.

4. E lá vai minha mãe

Ao encontro do meu pai, com quase 35 anos, ela trabalhava na tecelagem já há mais de 8 anos, era a filha mais velha de 10 irmãos. A família toda tinha vindo de

Brejos de Areia para Rio Tinto por causa da construção da fábrica de tecidos e a promessa de moradia e trabalho. Ela trabalhava sem cessar, as irmãs mais novas já estavam se casando, mas não a minha mãe, em suas palavras; “Eu não queria aqueles “home” não minha filha, tudo uns “bebo”.

Quando criança conheci alguns dos irmãos e irmãs da minha mãe, já em S.Paulo. Todos bebiam muito, e todos morreram de algum problema relacionado à bebida.

Ela era “filha de Maria” (...Ser Filha de Maria também era ter acesso ao locus privilegiado da Igreja e poder se inserir, mesmo que somente com o suporte do grupo, nos acontecimentos sociais de destaque na cidade) e por isso, temente a Deus, ligada à família e como mulher, na época, tinha como projeto o casamento, a constituição de uma família. Como Dona Baratinha, minha mãe já tinha ouvido muitos homens, inclusive seu pai e seus irmãos, e não tinha gostado do que tinha ouvido.

E lá vai a Dona Baratinha,

Era uma vez uma baratinha que estava varrendo a casa e encontrou uma moeda. Achou que estava rica e já podia se casar.

Arrumou-se toda, colocou uma fita no cabelo e foi para a janela.

A quem passava ela perguntava:

- Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?

O primeiro bicho que passou foi o boi, que respondeu:

- EU QUERO!

Dona Baratinha perguntou:

- E como é que você faz de noite?

O **boi** respondeu:

- MUUUUUUUUU!

Ela disse:

- Ai não, muito barulho, assim eu não durmo, pode ir embora.

E o boi foi embora.

Em seguida veio passando o **cavalo** e Dona Baratinha perguntou:

No dia do casamento o rato foi até a cozinha para cheirar de perto as comidas.

Estava sendo preparada uma sopa deliciosa para ser servida aos convidados.

O rato, atraído pelo cheiro, quis ver a sopa mais de perto e subiu até a alça do caldeirão e, acredite: CAIU DENTRO DA PANELA!

As cozinheiras ficaram apavoradas.

Lá na igreja, Dona Baratinha, toda enfeitada com seu vestido de noiva, esperava, esperava... E nada do noivo.

Até que ela ficou muito brava e falou:

- Quem esse rato pensa que é para me deixar esperando assim?

Nesta hora, vinham chegando as cozinheiras da festa e deram a triste notícia à noiva.

No começo ela chorou, mas depois pensou:

- Até que tive sorte! Pelo menos não me casei com um noivo que gostava mais de sopa do que de mim! Melhor eu ficar sozinha e gastar meu dinheirinho para me divertir!

E foi assim.

Dona Adalgiza, a personagem

“Salve Maria Bonita, Maria do Capitão, Mulher forte destemida, Que viveu sua paixão”*

Dona Adalgiza, minha mãe, também sabia encantar; uma vez um amigo meu esteve lá em casa e, enquanto me esperava para irmos ao trabalho, ficou ali na cozinha conversando com ela.

No caminho do trabalho me falou impressionado: “nossa, que vida a da sua mãe! Ela me contou que uma vez, quando ia pegar o trem para o trabalho, perdeu o sapato no barro das ruas sem calçamento da época, não podia perder a hora... chegou no trabalho só com um pé calçado”

Isso me fez pensar nas limitações, aquilo que nos define e nos faz avançar.

Dona Adalgisa fez escolhas ainda que limitada pelas circunstâncias em que vivia. Era operária, trabalhava 10 horas por dia na fábrica e quando chegava em casa tinha os afazeres domésticos. Tinha os irmãos e irmãs (ao todo eram 10) que dividiam uma casa com 3 cômodos.

Ela trabalhou 35 anos como tecelã, teve 6 filhos, 02 deles mortos na infância, muito por conta da precariedade dos serviços de saúde pública da época, mesmo assim, nunca percebi nenhum ressentimento ou rancor, era muito ligada à vida e àquele homem.

“Lá vem Pedrinho, eta home danado de bonito!”, era assim que minha mãe se referia ao meu pai, quando o avistava chegando do trabalho, recostada no portão de casa.

Léa, a sobrinha de meu pai, que foi quem me contou essa história, sempre se surpreendia: “Mas Adalgisa, onde você está vendo beleza?”

Onde está a beleza?

Imagino Dona Adalgisa na década de quarenta, em Rio Tinto, voltando do trabalho, passando no armazém do meu pai, talvez pra pegar algum feijão pra levar pra casa e se deparando com a possibilidade de um companheiro.

Talvez olhando e já tentando articular como faria para se achegar, para se fazer notar, afinal, como ele mesmo disse anos depois para mim, “eu poderia ter casado com qualquer uma daquelas mulheres, inclusive com a sobrinha de Adalgisa” (que era quinze anos mais jovem que minha mãe).

A jornalista Adriana Negreiros em seu livro “Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço” reinterpreta, a partir de uma perspectiva feminina, o cangaço brasileiro na década de 1930, desmistificando a vida das mulheres que se arriscaram a fugir com os cangaceiros e viver uma vida nômade, deixando claro que a maioria foi obrigada ou não teve escolha e que na maior parte do tempo viviam uma vida de muita privação.

(“Apesar de esconder o fato de que as cangaceiras eram submetidas a violências constantes na esfera doméstica e privada - embora vivessem ao ar livre no sertão - essa mitificação não diminui o caráter transgressor da figura de Maria Bonita. Aqueles eram os anos 1930, e mulher decente não abandonava marido, quanto mais para fugir com cangaceiro.”) Maria Bonita:

Maria Bonita é contemporânea da minha mãe, viveu no nordeste de 1910 a 1938, quando teve sua cabeça decepada junto com a de seu companheiro Lampião.

Ainda ouço minha mãe cantar essa música (e provavelmente ela cantava, quando jovem, enquanto fazia os afazeres domésticos ou nos longos períodos que passava na fábrica, onde ganhava por produção):

“Acorda Maria Bonita, levanta vai fazer o café, que o dia já vem raiando e a polícia já está de pé.

Se eu soubesse que chorando, empato a tua viagem, meus olhos eram dois rios, que não te davam passagem...”. Antonio dos Santos (Volta Seca).

Penso que a minha mãe sofreu a influência da história de Maria Bonita, contada em verso e prosa por todo o nordeste na época.

Digo isso porque minha mãe deixou a casa de seus pais, onde era a filha mais velha e a mais respeitada, e seu status de “Filha de Maria” e foi viver (em pecado) junto com meu pai, ali mesmo em Rio Tinto.

Soube disso por sua irmã mais nova, Cícera, que na década de noventa esteve em S.Paulo para fazer uma cirurgia e revelou o segredo que minha mãe escondia, além do dinheiro na caixinha.

Conclusão

“Temos todos consciência que a maior parte da vida escapa aos nossos sentidos: a explicação mais poderosa das várias artes é que elas tratam de configurações que só começamos a reconhecer quando se manifestam como ritmos ou formas.” Brook, Peter, 1925 - O espaço vazio - 1ª edição O teatro Sagrado, page.68

A primeira história de que me lembro, aquela que ouvia nas noites sem energia elétrica na minha primeira infância, já anunciava o mistério; “Tá Trabalhando pra Valadares!” Era a história de alguém que seguia montes de pistas falsas. Mas, também era uma aproximação, um aviso: “Olha, você nunca terá a visão total”.

No processo de escrita deste artigo achei que contava uma história que conhecia, afinal é a história da minha mãe e do meu pai. Mas, a primeira novidade, foi olhar essa história enquadrada no período histórico, lembrar que os personagens estavam submetidos ao regime político e social da época. Isso abriu minha

percepção em relação a movimentação dos personagens; por exemplo, percebi que muito provavelmente meu pai tenha escolhido Rio Tinto exatamente porque era uma cidade operária.

O herói aqui era adepto da ideologia marxista, tinha fugido da fome e da seca no nordeste, deixando para trás uma mulher e dois filhos.

A princípio, parece que é ele quem escolhe a donzela operária, entre todas as donzelas, inclusive uma muito jovem. Mas minha mãe já tinha passado por muita coisa: era a filha mais velha de um casal com 10 filhos, testemunhou a violência da fome e do trabalho por produção, submetendo-se a mais de 10 horas de trabalho numa tecelagem.

O que me parece claro é que ao contar uma história dentro desses limites, ela se encheu de outros significados, eu me afasto do julgamento e as perguntas aumentam: Teria minha mãe sido influenciada pela história de Maria Bonita na sua decisão de viver “em pecado” ao lado de meu pai e deixando sua família para segui-lo até São Paulo? Sabia dos seus direitos como operária? O que pensava da CLT? E Ele? tinha medo da prisão? Teria conseguido disseminar sua ideologia? Era essa a sua intenção?

Enquanto escrevia pensando nessa hipótese do que essa história tem pra mim e do que eu tenho para a história (Machado, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*), entendi que isso muda a todo momento. Talvez daqui a alguns anos, eu, que já serei outra, olhando para trás, colherei outras pistas dessa história.

Falando em pistas, fiquei pensando se quando contamos, a melhor aproximação não seja mesmo essa; silêncio e escuta.

Quanto mais pergunto, mais a história se abre pra mim e eu posso percorrer caminhos nunca percorridos.

A pergunta que fiz de início, sobre o encantamento, aquele sentimento que nos faz saltar, ou, mais especificamente, cantar, talvez seja a surpresa da existência de uma caixinha, de que o herói não era assim tão ético ou que, mesmo sob forte pressão, o herói agiu no sentido de seus interesses.

Referências:

Machado, Regina. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias- São Paulo - DCL Difusão Cultural do Livro. 2004

Matos, Gislayne Avelar. O Ofício do contador de histórias: Perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar- 3ª edição- São Paulo - editora WMF Martins Fontes, 2009.

Brook, Peter, 1925 - O espaço Vazio; um livro sobre o teatro: moribundo, sagrado, rústico, imediato - tradução Roberto Leal Ferreira - 1ª edição - Rio de Janeiro Apicuri, 2015

Negreiros, Adriana. Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço - 1ª edição_ Rio de Janeiro : Objetiva, 2018